

Etnobotânica e pesquisa com plantas medicinais: aspectos teóricos e práticos

Ari de Freitas Hidalgo¹
Lin Chau Ming²

Resumo:

Este trabalho abrange uma breve revisão sobre os fundamentos e enfatiza a finalidade da Etnobotânica, tecendo considerações sobre o preparo do trabalho de campo, itens fundamentais a serem levados a campo, assim com cuidados e procedimentos que facilitem a execução da pesquisa, alertando para as questões legais de acesso às informações e a importância do envolvimento e participação da comunidade. Ao final são apresentadas as duas 'regras de ouro da Etnobotânica'. O texto resulta de conhecimento teórico e experiências e observações de campo dos autores, procurando dar sugestões práticas que facilitem a pesquisa em campo, assim como alertar sobre eventuais atitudes que podem comprometer ou inviabilizar a pesquisa.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional; Botânica; comunidades.

Abstract:

This work covers a brief review of the fundamentals and emphasizes the purpose of Ethnobotany, making considerations about the preparation of fieldwork, essential items to be taken to the field, as well as care and procedures that facilitate the execution of the research, alerting to the legal issues of access to information and the importance of community involvement and participation. At the end, the two 'golden rules of Ethnobotany' are presented. The text is the result of theoretical knowledge and field experiences and observations of the authors, seeking to provide practical suggestions that facilitate field research, as well as alerting about possible attitudes that may compromise or make the research unfeasible.

Keywords: traditional knowledge, Botany, communities

Recebido em:

Aprovado em:

¹ Doutor em Horticultura pela UNESP – Botucatu, SP, docente da Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil. Email: afreitash@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9732-0657>

² Doutor em Botânica pela UNESP – Botucatu, SP, docente da Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Agronomia Tropical, Manaus, AM, Brasil. Email: linming2809@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3997-7954>

1. Introdução

A Etnobotânica é uma área do conhecimento que transita entre a Biologia e as Ciências Sociais, em particular a Antropologia, e que vem crescendo em importância e reconhecimento, contribuindo com informações acerca de diversos usos de plantas, guardadas com pessoas de populações tradicionais em áreas rurais e mesmo na área urbana, as quais podem ser perdidas se não forem devidamente registradas.

Este tipo de informação deriva do acúmulo de observações, experiências e experimentações que, em geral, são testadas localmente e repassadas por meio oral através de gerações, com raros casos de registros escritos, os quais, quando acontecem, se resumem a anotações que repousam entre guardados de pessoas de idade avançada, as quais vêm encontrando dificuldade em repassar para as novas gerações.

De modo resumido pode-se afirmar que o conceito de Etnobotânica considerava inicialmente o conhecimento acerca do componente vegetal, principalmente plantas superiores, de povos indígenas e outras comunidades isoladas. Atualmente o campo de interesse se ampliou e passou a considerar também o conhecimento em sociedades não isoladas, inclusive em áreas urbanas e periurbanas (COTTON, 1986).

A evolução da Etnobotânica pode ser percebida com os acréscimos feitos ao longo do tempo. Powers (1873) cunhou o termo *botânica aborígine*, o qual considerava o estudo de todas as formas de vegetação que os aborígenes usam como mercadoria, tais como remédios, alimentos, têxteis e ornamentos. O termo Etnobotânica, atualmente consagrado, foi definido de forma resumida por Harshberger (1895) como o uso das plantas pelos povos aborígenes. Robbins, Harrington & Freire-Marreco (1916) ampliaram o conceito considerando não apenas o registro do uso de plantas, mas também as impressões tradicionais do ambiente total, revelado por costumes e rituais. Marín (1979) condensou a Etnobotânica como o estudo das sabedorias botânicas tradicionais. Mais recentemente Martin (1995) definiu Etnobotânica como o estudo relativo às plantas que descreve a interação dos povos locais com o ambiente natural.

Figura 1: Utensílios para armazenamento e transporte de água confeccionados pelos Paresis (MT), com frutos secos de *Lagenaria siceraria* (Molina) Standl.



Fonte: Hidalgo, 2011.

Este trabalho resulta de experiências e observações de campo dos autores, procurando dar sugestões práticas que facilitem a pesquisa em campo, assim como alertar sobre eventuais atitudes que podem comprometer ou inviabilizar a pesquisa. Aspectos mais completos acerca do tema estão descritos em Ming e Hidalgo (2022).

2. Finalidade da Etnobotânica

A principal contribuição do etnobotânico é a busca e o registro dessas informações, através do contato direto com os detentores do conhecimento, resguardados e respeitados todos os direitos morais e legais que existam ou possam advir deste conhecimento. Para alcançar tal objetivo, vários fatores devem ser observados e respeitados, os quais serão pontuados de forma breve e direta neste texto.

O interesse pelo conhecimento das populações acerca das espécies vegetais, objeto da Etnobotânica, vai além do interesse econômico, estendendo-se à diversas áreas, incluindo aquelas cujas explicações sobre o uso perpassam o subjetivo e o espiritual. Odores e fumaça de plantas, sopros, gestos, rezas, repelência, proximidade ou atração com plantas carregam um significado que pode não ser de imediato entendido e aceito pela Ciência padronizada.

As plantas são, portanto, componentes importantes na cultura material e imaterial, estando presentes nos mitos, lendas, crenças, símbolos e rituais de diferentes povos e culturas.

O resgate etnobotânico visa integrar o conhecimento sobre as plantas, construído por uma população local, ao conhecimento acadêmico sobre fenômenos e processos naturais (MELO, LACERDA & HANAZAKI, 2008). É tarefa do etnobotânico estudar a relação entre populações, tradicionais ou não, e o meio botânico que as circunda, buscando entender como as pessoas se relacionam com as plantas e os aspectos culturais produzidos a partir dessa interação (ALBUQUERQUE, 2014).

Para compreender com profundidade e transcrever com precisão o que é aprendido com os detentores do conhecimento tradicional sobre o mundo vegetal é preciso estar aberto ao que é dito e mostrado em situações diversas, mesmo que a princípio possa contrariar algo arraigado na formação do pesquisador, ou um preceito já estabelecido e dito como imutável, caso não se aplique à lógica cartesiana. Além de conhecimento sobre Botânica – anatomia, taxonomia, sistemática e prática de campo, o pesquisador deve ser um bom e atento observador e gostar de estar em meio às pessoas com diferentes experiências, saberes e modos de vida, o que implica em uma certa formação antropológica (não necessariamente acadêmica).

Este pesquisador foi idealizado por Barrera (1982), o qual considerava que o melhor etnobotânico seria um membro de uma minoria étnica que, com formação tanto em botânica quanto em antropologia, estudaria os conhecimentos tradicionais, a significação cultural e o manejo e usos da flora. E seria ainda melhor – para ele e para sua própria gente – se seu estudo resultasse em benefícios econômicos e culturais para sua própria comunidade.

Figura 2: Criança ribeirinha no Rio Juruá, estado do Amazonas.



Fonte: Hidalgo, 2009.

No trabalho etnobotânico há possibilidade de se fazer a abordagem sob o ponto de vista êmico ou ético, devendo-se dar preferência ao primeiro, que é aquele considera a forma como a população percebe o universo local, principalmente o meio vegetal e como o classifica, usando sua experiência e o modo de perceber da comunidade (Figura 3).

Figura 3: Atividade de nomenclatura êmica de plantas do cerrado com etnia Paresi, MT.



Fonte: Ming, 2014.

Logo deve-se registrar os nomes e termos locais para doenças e sintomas, ou

outras classificações, evitando a tipologia acadêmica de estados de saúde, os quais podem ser, posteriormente considerados e comparados para fins de entender a que se referiam e para posterior publicação.

Na classificação ética prevalece o ponto de vista do pesquisador, o qual tende a classificar o universo observado a partir de suas experiências e formação acadêmica.

Para a imersão etnobotânica aprofundada e respeitosa, o etnobotânico tem que ter noção de que o conhecimento sobre plantas tem distribuição heterogênea, o que varia de acordo com a cultura ou comunidade estudada. O olhar atento perceberá que em qualquer comunidade há certo grau de especialização, qual deve ser compreendido e respeitado, sob risco de não obter resultados confiáveis ou nenhum resultado. De acordo com Alexiades (1996), essa forma de hierarquização pode influenciar no acúmulo e na transmissão de conhecimento e que, por questões de gênero ou idade ou ser externo à comunidade, por vezes pode ser negado ao pesquisador.

Além de gênero e idade, outros fatores influenciam no processo de aprendizagem no uso dos recursos vegetais, tais como a ocupação na comunidade (caçador, rezador, pescador, agricultor, artesão), o grau de contato com o ambiente fora da comunidade, a etnia, a religião, as relações sociais na comunidade (Figura 4), o acesso à educação oficial (o que implica em acesso a textos escritos), o tempo que mora na localidade ou se nasceu nela, entre outros.

Figura 4: Atividade social comunitária entre os Xavante em curso de um rio, Mato Grosso.



Fonte: Ming, 2003.

3. Preparo do trabalho de campo: itens fundamentais

A atividade etnobotânica deve ser devidamente planejada, sob risco de se falhar em obter dados confiáveis, por falta de equipamento, formulário inadequado, abordagem e metodologia de amostragem indevidas, desconhecimento sobre o local e a comunidade

a serem estudados, número inadequado de entrevistados, etc. Portanto, deve-se dar especial atenção ao formulário que será aplicado, evitando perguntas repetidas, palavras de difícil compreensão, grande número de perguntas, etc. Sempre que possível, é interessante fazer testes prévios para detectar eventuais dificuldades com o formulário para verificar se as perguntas estão sendo entendidas.

Deve-se atentar que o formulário deve ser o mesmo para todos os entrevistados, de modo que se possa comparar as respostas. Phillips (1996) destaca a importância de analisar cada uso indicado para determinada espécie, o que permite calcular o grau de consenso sobre o conhecimento da espécie e assim ter uma visão realista sobre as plantas e seu grau de importância para as comunidades.

Um dos primeiros e simples passo é anotar em caderno o que será necessário levar para a atividade, com previsão de quantidade e onde obter. Desta forma se evitará excesso de peso e volume (e, conseqüentemente, incômodos e custos). Conhecendo a realidade da comunidade a ser estudada se pode considerar o que pode ser obtido localmente, o que, além de reduzir peso e volume na viagem, facilitará a interação com os moradores, troca inicial de ideias e informações. A compra de ovos, frangos, vegetais produzidos localmente, farinha, frutas e outros víveres, movimentará o comércio local e poderá aproximar pessoas, além de possibilitar a indicação de nomes de potenciais detentores locais do conhecimento sobre plantas e seus usos.

A coleta botânica, imprescindível nesta atividade, exige que se leve alguns equipamentos simples, enquanto alguns podem ser obtidos localmente. A ideia é sempre levar o mínimo necessário ao bom desenvolvimento da atividade, evitando excessos.

Dentre o material necessário deve-se incluir uma ou mais tesouras de poda pequenas de boa qualidade, canivete multiuso, prensa com jornais e placas de papelão, máquina fotográfica e gravador, alguns litros de álcool, canetas a prova de água, lápis, caderno de campo capa dura, podão de vara (para árvores), sacos plásticos de volumes variados (5, 50, 75 ou 100 litros)

Acerca destes materiais podemos fazer algumas considerações no sentido de otimizar a atividade de campo e posteriores análises do material coletado.

. **Tesoura de poda** – Evitar tesouras de baixa qualidade, as quais podem se quebrar ou danificar as plantas durante a poda dos galhos. Alguns tipos de tesouras tem a mola frágil e que podem se soltar e ser de difícil localização em condições de campo; outras podem ter a trava deficiente, podendo abrir dentro de mochilas e bolsas, danificando estas.

. **Canivete multiuso** – Canivetes tipo (mas não necessariamente) suíço são de grande valia durante as atividades, além de não serem consideradas necessariamente como arma branca. Alguns modelos trazem lupas de boa qualidade, serras, perfuradores,

tesouras, pinças e outros recursos, os quais vão além da simples função de corte. É fundamental que a lâmina esteja sempre bem afiada e seja mantido e transportado de forma discreta, respeitando a legislação de portos e aeroportos.

. **Prensa e papelão** – A prensa pode ser confeccionada no próprio local de coleta, com material simples e o papelão que separa as coletas na prensa pode ser obtido no comércio local, não havendo necessidade de ser levado. Uma alternativa que funciona bem é o uso de placas de papelão mais rígido, que podem substituir a prensa, sendo mais leve e prático. Havendo necessidade, pode ser reforçado com pequenas tiras de madeira.

. **Máquina fotográfica e gravador** - uma máquina de boa qualidade permite registros fotográficos de detalhes das plantas, assim como uma boa definição da planta inteira à distância. Atualmente os telefones celulares funcionam como máquinas fotográficas, com excelente definição de detalhes próximos, mas deficientes quando se faz fotos mais distantes, havendo limitação na aproximação do objeto (zoom). Com relação ao gravador, atualmente o celular também cobre essa função perfeitamente, embora se possa fazer uso de gravadores digitais de pequeno porte.

. **Álcool** – Quando se deseja coletar grande volume de plantas e não se dispõe de condições de secagem no mesmo dia, pode-se recorrer ao ‘método molhado’, o qual consiste em prensar as plantas com papelão, individualizadas por folhas de jornal, e colocar em sacos plásticos resistentes, molhando abundantemente com álcool 70° ou 96° , amarrando a boca do saco ou, mais prático ainda, fechando o saco com ligas de borracha (tipo de prender dinheiro). Dessa forma o material poderá ser mantido por muitos dias, sem queda das folhas. Quando for secar o material em estufa, não esquecer de abrir o saco e espalhar o material coletado para evaporar o álcool.

. **Podão de vara** – usado para coletar material de árvores e lianas. Em geral é uma espécie de guilhotina com cerca de 300 a 700 g, colocada na extremidade de vara articulada de alumínio. Devido ao peso, volume e, por vezes, dificuldade de manuseio no campo, pode ser substituído por um podão simples, desses de colher cacau, o qual pesa menos de 100 g, e que pode ser colocado na extremidade de uma vara de madeira preparada no próprio local de coleta. Outros métodos de coleta de partes vegetais localizados a alturas maiores também podem ser utilizados, como corda de nylon com um peso amarrado na extremidade e lançando-o em ramos para obtenção das amostras vegetais.

. **Sacos plásticos de volumes variados** – sacos tipo zip loc são úteis para acondicionar documentos, fósforos, caderneta de campo, gravadores e celulares, protegendo de chuva e poeira. Sacos médios (5 a 50 litros) se prestam para separar e proteger amostras vegetais, como ramos, frutos, cascas, etc. Sacos maiores (75 a 100 litros) são usados no método molhado, para separar amostras maiores, proteger mochilas e equipamentos, além de poder servir como boia, sendo inflados e amarrados, em caso de

acidentes em rios, protegendo bolsas e equipamentos.

. **Sugestões práticas** – objetos simples, de pequeno volume e pouco peso, por vezes, ajudam a resolver situações complicadas no campo. Portanto, sempre que possível incluir na bagagem: pelo menos dois metros de arame galvanizado fino (enrolado); alicate pequeno (dependendo do modelo o canivete multiuso já tem); 10 m de corda fina e resistente; lupa com boa ampliação; manter sempre sacos e sacolas plásticas na mochila; barras de cereais; isqueiro ou caixa de fósforo com palitos parafinados; pedaço de lixa fina para afiar facas e facões; algodão; 100 ml de gasolina (em frasco com tampa) e uma garrafinha de água.

4. O procedimento etnobotânico

O principal objetivo é a coleta de amostras de plantas e de dados, que pode ser entendido como o conjunto de informações obtidas sobre as interações entre a população local e seu entorno vegetal. Desta forma devem ser coletadas amostras de plantas (exsicatas), feito o registro fotográfico das plantas, dos ambientes e de detalhes que podem facilitar a identificação, como cor da flor, odor, exsudatos, presença de nectários, etc. As anotações devem ser feitas em caderno de campo, acompanhadas de gravação das entrevistas e, sempre que possível e permitido, gravação em vídeos.

Uma recomendação especial é obter o máximo de informações prévias sobre o local da pesquisa e sobre seus moradores, o que pode ser feito em alguns casos, através da internet, contatos com extensionistas, agentes de órgãos ligados à saúde, igrejas e outros.

Uma vez feito o contato, inicia-se a interação com a comunidade como um todo e, principalmente, a interação com indivíduos, os quais tem diferentes necessidades, percepções e pensamentos. É preciso ter claro para o pesquisador (e equipe, quando for o caso) da importância do primeiro contato, da impressão que marcará a percepção por parte da comunidade, logo algumas considerações devem ser observadas:

. **A apresentação** – Seja para o grupo de moradores, seja individualmente, deixar claro quem você é, dando nome completo, idade, de onde vem, qual instituição representa (falar um pouco sobre a mesma), formação, experiências anteriores e outras informações que facilitem a confiança. Procurar ser ouvido por todos, direcionando o olhar para todos os presentes e memorizar alguns nomes. Este é também momento de identificar lideranças e pessoas de destaque, além de, óbvio, eventuais participantes da pesquisa.

. **Objetivos** – O momento da apresentação é quando se esclarece, de maneira ampla e honesta, quais os objetivos da pesquisa e do pesquisador. Deve-se estar aberto a questionamentos e procurar responder de forma clara e direta, dando atenção a quem perguntou, mas abrindo o campo de visão para todos os presentes, como demonstração de atenção e respeito.

Deixar claro qual será a metodologia, como serão feitas as visitas e o que será tratado durante a atividade. Alexiades (1996) considera fundamental esclarecer os objetivos e expectativas, enfatizando a necessidade de coletar amostras das plantas indicadas, além de assegurar-se do envolvimento de membros da comunidade.

. **Métodos** – Há diversos métodos que se pode empregar no levantamento de dados em trabalhos etnobotânicos e o pesquisador deve ter claro e perfeitamente compreendido qual o que mais se adequa aos objetivos de seu trabalho, o que deve levar sempre em consideração a comunidade a ser estudada, incluindo aspectos como: religião, número de moradores, idade média das pessoas, o gênero do entrevistado, a origem da formação da comunidade, etc.

. **Data e hora das visitas** – o ideal é nunca entrevistar a pessoa apenas uma vez. Sempre que possível a pessoa deve ser visitada mais de uma vez, pois num primeiro momento, principalmente no caso de a pessoa não estar esperando e ser pega de surpresa, muitas informações importantes podem não ser ditas no momento. Numa segunda visita a pessoa poderá lembrar de mais plantas ou de detalhes não informados na primeira visita. Desta forma, é importante marcar previamente a data e hora da visita e cumprir o compromisso, preferencialmente não se atrasando, mas chegando com, pelo menos, 10 minutos de antecedência nas proximidades da casa da pessoa a ser entrevistada. A responsabilidade com horário é uma virtude observada e apreciada.

Evitar horários inconvenientes, como antes do almoço, hora do descanso após o almoço, horários noturnos (a menos que seja dada abertura para tal). Da mesma forma evitar estender-se desnecessariamente, procurando respeitar o horário estabelecido.

. **Saber chegar e saber estar** – Coisas simples, como o modo de vestir e de falar, o tom de voz, a firmeza e demonstração de respeito às pessoas podem fazer a diferença na empatia inicial, facilitando a conquista da confiança e fazendo com que o entrevistado se sinta confortável e disposto a participar da pesquisa. Odores ou perfumes fortes, o uso indevido de óculos escuro, o falar alto, contar piadas indevidas ou coletar sem autorização, podem interferir na primeira impressão por parte da comunidade.

. **A entrevista** – A entrevista é o momento do contato direto entre o pesquisador e o detentor do conhecimento e deve ser realizada em local escolhido pelo entrevistado, onde este se sinta à vontade e tenha domínio do ambiente, o que facilitará o acesso para registros e coleta das amostras. Deixar sempre claro que as respostas serão registradas e solicitar autorização para gravar e fotografar, respeitando a vontade do entrevistado.

No primeiro contato também deve ser explicado acerca dos direitos da pessoa e a destinação das informações e das amostras coletadas, assim como lido o documento em que se solicita a autorização do entrevistado. Caso haja concordância, este assinará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Uma entrevista bem conduzida permite tirar dúvidas do entrevistado acerca da pesquisa e/ou das perguntas, assim como dúvidas do pesquisador sobre determinadas respostas, expressões ou descrições. Desta forma resulta em maior número de respostas confiáveis, evitando vazios na entrevista e respostas vagas ou do tipo 'não sei'.

Alguns cuidados devem ser observados, evitando-se fazer perguntas pouco claras, com palavras rebuscadas. Também deve-se atentar para não induzir respostas ou atitudes que podem parecer normais, mas que para outra pessoa possam ser intimidantes.

. **Hora de ouvir e hora de falar** – A pessoa mais importante no trabalho etnobotânico é a entrevistada, razão pela qual deve-se dar total atenção a ela, evitando ser disperso durante a atividade. Lembre-se que em um contato inicial, e mesmo nos demais contatos, podemos estar sendo 'lidos' pelas pessoas da comunidade e pequenos gestos que possam ser interpretados como indiferença, desinteresse ou impaciência devem ser evitados: olhar com frequência o relógio, consultar celular durante a fala da pessoa, olhar com frequência para fora da casa, distrair-se rabiscando caderno, etc.

Ouvir com atenção a fala do entrevistado, fazendo a pergunta de forma clara e deixando a pessoa se expressar em seu ritmo de fala. O tempo deve ser o da pessoa e, caso o entrevistado seja prolixo, aguardar o momento para retomar a direção da conversa. Por outro lado, algumas pessoas, por timidez, intimidação ou desconfiança, podem falar pouco e não responder adequadamente às perguntas, momento em que o entrevistador deve procurar incentivar, demonstrando interesse, incentivando a continuação da fala ou, até mesmo, mostrando ter entendido e pedindo esclarecimento, estimulando o entrevistado a falar mais sobre o assunto, procurando não ser inconveniente.

Nunca interromper ou contrapor o informante, sob pena de travar a conversa. Em caso de dúvida, retomar a última frase dita e deixar abertura para complemento ou esclarecimento. Pode-se também tentar esclarecer posteriormente ou, numa segunda visita, retomando a conversa e refazendo a pergunta.

. **Senso de observação** – Algumas informações podem não ser expressas em palavras, mas indicadas por gestos ou olhares apontados para determinadas direções, ou referências indiretas, ou ainda comparações que a princípio parecem não fazer sentido. Por isso o pesquisador deve estar atento e, sempre que possível, informado, sobre hábitos da comunidade ou das pessoas. Determinados termos e expressões podem ter significado diferente daqueles que outras pessoas possam estar acostumadas. Anotar rigorosamente os nomes locais das plantas.

. **As coletas** - Deve-se coletar exemplares de todas as espécies indicadas pelos entrevistados, para posterior identificação e depósito em herbário credenciado. Cada exemplar deve ser acompanhado de ficha de coleta colocada junto com a amostra, seja na prensa ou no saco de amostras molhadas com álcool (neste caso é imprescindível escrever

a lápis). Registros essenciais sobre as plantas devem ser feitos no caderno de campo, com indicação do mesmo número, provisório ou não, da amostra coletada.

Deve-se coletar no mínimo três amostras, sendo o ideal cinco amostras. Caso a planta seja pequena, de difícil acesso ou muito estimada pela pessoa entrevistada e ela permitir, pode-se coletar apenas uma ou duas amostras. O essencial é não deixar de coletar. Sempre que possível fazer registro fotográfico tanto da planta antes da coleta, quanto da amostra, de modo a facilitar o reconhecimento da cor da flor, das folhas e o “jeitão” da planta (entendido como o porte, arquitetura, tipos de ramificação).

Informações sobre o local de ocorrência, distribuição, época de produção de sementes, parte usada, usos e formas de preparo devem ser coletadas junto com as amostras das plantas.

. **Assegurar-se da participação e envolvimento da comunidade** – Alexiades (1996) enfatiza que o trabalho etnobotânico é uma atividade de cooperação entre o pesquisador e o informantes locais. Portanto, é fundamental estabelecer desde o início, parceria com pessoas chaves da comunidade, as quais podem ser os entrevistados ou pessoas que detenham particular conhecimento. Uma prática que pode ser adotada é treinar algumas pessoas locais nos métodos e técnicas da pesquisa, as quais poderão manter e repassar o conhecimento para outras pessoas da comunidade, assim como serem fundamentais na coleta e envio de informações e de materiais que podem não estar férteis na época da pesquisa ou não serem de fácil acesso. Outra prática interessante é, em acordo com o professor ou direção da escola, fazer palestras com as crianças e envolver estudantes em algumas atividades e treinamentos, pois crianças sabem e localizam coisas que podem passar despercebidas por adultos. Neste caso assegurar-se de que os pais e direção da escola estejam cientes e que autorizem legalmente a participação das crianças.

Finalizando, duas regras de ouro da Etnobotânica: sempre aceitar o cafezinho e nunca recusar um aperto de mão.

É costume nas áreas rurais, como demonstração de satisfação em receber pessoas desconhecidas, o oferecimento de uma xícara (ou copo) de café. A partilha da bebida pode ser ocasião para iniciar o estabelecimento de uma parceria frutífera durante a pesquisa e que, por vezes, pode-se estender além do período do trabalho.

Evitar recusar o oferecimento. Caso o pesquisador não goste da bebida ou tenha algum tipo de restrição (religião, gastrite, horário), sempre deixar em aberto a aceitação de algo disponível, como um copo de água, um chá, uma fruta, etc.

O cafezinho não necessariamente é café. Pode ser um chá, um suco, uma tijela com açaí ou uma cuia com suco de outra planta. Pode ser também o oferecimento de frutos *in natura* ou prontos para o consumo (Figura 5).

Figura 5: A. Cuia com vinho de bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.) em área Saterê-Mawé;
B. Fruto de pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth) no rio Uaupés, alto rio Negro (AM).



Fonte: Hidalgo, 2012.

As situações do trabalho de campo são praticamente infinitas, podendo acontecer de acordo com o local, tipo de comunidades e habitantes, com jovens ou idosos, crenças e mitos, florestas ou áreas desmatadas, área rural ou urbanas, estações do ano e tantas outras. Assim, estejamos preparados para se ajustar a elas, mantendo o firme propósito de continuar a pesquisa e manter a graça do trabalho etnobotânico. Sucesso e boa sorte!

Referências bibliográficas:

- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobiologia**. Recife: NUPPEA, 2014, 189 p.
- ALEXIADES, M. N. Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. In: ALEXIADES, N. M. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: NYBG, 1996, p. 53 – 96.
- COTTON, C. M. **Ethnobotany: principles and application**. Nova York: Wiley, 1996, 448 p.
- HARSHBERGER, J. W. The Purposes of Ethnobotany. **Botanical Gazette**, v. 21, n. 3, 1896, p. 146–154.
- BARRERA, A. La Etnobotánica: tres puntos de vista y una perspectiva. In: INIREB A. C. **Memorias del Simposio de Etnobotánica**, México: INAH, 1982.
- MARÍN, A. B. La Etnobotánica. **Etnobiología**, v. 10, Suplemento 1, 2012, p. 94-97.
- MARTIN, G.J. **Ethnobotany**. Londres: Chapman & Hall, 1995, 268 p.
- MELO, S.; LACERDA, V.D. & HANAZAKI, N. Espécies de restinga conhecidas pela comunidade do Pântano do sul, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Rodriguésia**, v. 59, n. 4, 2008, p. 799-812.
- MING, L. C.; HIDALGO, A. F. **Diálogos etnobotânicos**. Porto Alegre: SBEE, 2022, 246 p.
- PHILLIPS, O. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge. In: ALEXIADES, N. M. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: NYBG, 1996, p. 171-197.

Hidalgo & Ming

Etnobotânica e pesquisa com plantas medicinais: aspectos teóricos e práticos

POWERS, S. Aboriginal Botany. **Proceedings of the California Academy of Sciences**, 5, p., 1873, 373-379.

ROBBINS, W. W.; HARRINGTON, J. P.; FREIRE-MARRECO, B.; **Ethnobotany of the Tewa Indians**. Washington: Govt. print. off., 1916, 124 p.